

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Anno. 13000 réis
Semestre. 500 >
Avulso 20 >

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO

de Viuva de Manoel F. Lemos
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Tradições gloriosas da monarchia

II

Esperemos que a imprensa monarchica—e não causará espanto que o venha a fazer—comece a fazer o elogio da dominação philippina para lhe fazermos a critica. Por agora não sentimos coragem para fitar o negro quadro da nossa maior calamidade.

Passemos, portanto, a 1640 a retemperar-nos ao lume d'aquelle salvador movimento insurreccional.

Vivia em Villa Viçosa o duque de Bragança, todo entregue aos prazeres da caça e aos regalos da meza, gosando tranquilla e beatificamente os grossos rendimentos da sua enorme casa. De animo timido e intelligencia mediocre, mais dominado pelo receio covarde do mallo gro de um alevantamento do que possuido do amor patriótico de libertar este infeliz Povo, foi, antes da revolução de dezembro, varias vezes sollicitado, instado, rogado a acceitar a chefia do movimento, e sempre declinou a offerta, porque isso poderia vir a ser *perigoso e ruinoso!* Pelo contrario paripassu tinha o cuidado de informar e convencer o rei de Castella dos seus sentimentos de fidelidade. E não havia arrancál-o áquella irresolução! Isto fazia arrefecer o entusiasmo nacional, que do duque esperava a libertação da Patria.

Foi n'esta altura lembrada uma constituição republicana, que bom fóra se tivesse effectuado para evitar males já agora irremediaveis.

Não passa despercebido ao rei de Castella, que Portugal trabalha para sacudir o jugo, o que o resolve a ordenar as coisas no sentido de se apoderar da pessoa do duque, como de quem tem mais a recear. Entre a certeza de perder deshonrosamente a li-

berdade e correr os riscos muito hypotheticos da revolta, D. João não póde hesitar. O animo varonil e grande intelligencia—e, valha a verdade, a ambição do manto de rainha,—de sua esposa D. Luiza de Guzman acabam de o decidir. Consente afinal que o acclamem rei e colloquem quasi á força no throno com o nome de D. João IV no dia 1 de dezembro de 1640. Assim começa a dynastia de Bragança. O primeiro reinado resentiu-se sempre d'aquella perplexidade, que caracterisava o espirito do monarcha, sendo todos os negocios dirigidos com tibieza e pouca clarividencia. D. João não soube ou não teve energia para cortar os *vóos* á fidalguia rebelde, que tramava a restauração de Philippe, perturbando a tão necessaria paz interna; não soube aproveitar-se dos lances para tirar vantagem na guerra com Castella e portou-se como um poltrão perante os embargos da curia romana. Sempre irresoluto.

A mais degradantes scenas, porém, vamos assistir durante o governo de D. Affonso VI. Homem de máus costumes e de pessima convivencia, sem educação nem illustração, este rei soffreu a desventura de ter um irmão, que lhe cubia o throno e rouba a mulher. Em lugar de se olhar pela boa gestão dos negocios publicos passasse o tempo n'uma lucta de familia para desthronar um e acclamar o outro. A' roda da contenda as ambições dos cortezãos, que por sua vez disputam o valimento.

Ainda assim sobra tempo para se fazerem tratados ruinossimos. Dá-se de *mão beijada* á Inglaterra com uma rainha uma enorme somma de dinheiro e, o que mais é, alienam-se pedaços do nosso territorio, que tantos esforços e sacrificios tinham custado! D. Catharina leva em dote Tanger e a ilha de Bomboim!

Desthronado e feito pri-

sioneiro o infeliz Affonso, que, valha a verdade, se não mostrara digno do solio, sobe D. Pedro II. Está satisfeita a sordida ambição d'este máu irmão e saciada a sua concupiscencia; senta-se no throno e possui a rainha. O seu reinado é uma serie continua de luctas intestinas e internacionaes, graças á influencia que successivamente exerceram a França, a Austria e a Inglaterra.

Foi esta—como sempre!—a que mais lucrou, pois conseguiu concluir o celebre e nefasto tratado de Methwen que mata a nossa agricultura e obsta á criação de rebanhos durante mais de um seculo. A industria, principalmente de lanificios, e o commercio nacionaes soffrem grandemente e ainda hoje se resentem de tão inhabil contrato. E a compensação?!... um pequeno augmento na cultura da vinha.

D. Pedro II, cuja instrução scientifica era nulla, pois nem sequer sabia ler e escrever, morre a 9 de dezembro de 1706. Deixa o paiz enredado na guerra com Castella e uma grande quantidade de filhos illegitimos, que nunca reconheceu. Era dotado de força espantosa e apaixonado da caça e das touradas, em que chegava a fazer *pégas*—qualidades, que transmittiu á descendencia para se não desmentirem as leis da hereditariedade.

Rejubilem as freiras de Odivellas, que ascendeu ao throno D. João V.

Excessivamente amigo do luxo, lendo pela cartilha de Lovelace, inclinado á magnificencia e ás edificações grandiosas, malbarata os incomensuraveis recursos, que nos vinham do Brazil, quer canalizando-os para o estrangeiro em troca de carissimos objectos de adorno, quer applicando-os a construcções enormes e de arte muito duvidosa, como o colossal monolitho de Mafra; e deixa o seu povo e reino sem os beneficios, que necessariamente

adviriam se fossem empregados no fomento agricola e na protecção ao commercio e industria aquellas inexgotaveis fontes de riqueza. São quasi fabulosas as sommas que chegam aos cofres publicos durante o reinado de D. João V, e no emtanto á sua morte encontram-se exhaustas as arcas e o reino empobrecido! E não tem com quem dividir responsabilidades, porque governou como autocrata absoluto. Por onde se sumiu tanto dinheiro?! O luxo e a louca liberalidade do rei despejaram-no a torrentes em extravagancias multiplas entre as quaes *carrilhoes varios* para enlevo auditivo das madres Paulas. Tambem esta legou á descendencia a sua insaciavel voracidade pecuniaria.

Vem a seguir D. José, rei nominal, mas que teve o feliz acerto de deixar a effectividade do governo ao grande Marquez de Pombal. Aqui a personalidade do monarcha desaparece para se notabilisar a do seu ministro. Com effeito foi este um dos poucos grandes homens do seculo XVIII, que revelou grandes e multiplas aptidões. Expulsa os jesuitas, reforma a Universidade, diffunde a instrução, inimpulsiona a agricultura, protege a industria e o commercio, regula a cahotica administração financeira e limita os poderes da Inquisição. Se teve defeitos, encheu o seu seculo com medidas excellentes, que os não deixam vêr. Por este motivo este reinado é um parenthesis consolador dentro da dynastia brigantina.

D. Maria I, successora de D. José, fanatica e demente, cáe em poder da reacção, que se occupa em perseguir Pombal e destruir a sua obra. Dá-nos ainda por cima um D. João VI. Estupido e poltrão, abandona a Patria ás invasões francezas, embarcando-se para o Brazil em fuga precipitada, não se esquecendo, comtudo, de levar comsigo todos os valores—eram enormes—de metter no

bolso o frango inseparavel e a caixa do rapé. Temos de lhe agradecer o carinho paternal, que revelou ao recomendar aos subditos, que recebessem com cortezia o exercito inimigo!!... Mas isto não vae a matar; o resto para outra vez.

Philodemo.

A OBRIGA

As cifras

Já vimos que não é a preços em conta a auferidora honra de governar-nos um rei de 18 annos do qual, os impagaveis aulicos dizem tantas virtudes e prendas quantas contam «os homens illustres» de Plutarco.

Com effeito, conforme ficou escrito, a familia real portugueza custa anualmente ao tesouro a sangria ou dotação de 655 contos de réis. Não é muito, nestes tempos de vida cara em que toda a gente se queixa do rór de dificuldades do pão nosso de cada dia, não é muito, mesmo, para o lustre e dignidade da pobresinha familia que, em Portugal, «felizmente nos reje»; vá lexicon burocratico.

Sim, não será muito, e nada seja o usufructo dos bens nacionaes de que a familia real é a detentora.

Vamos a vêr, comparando, quanto é a dotação presidencial nas republicas, e para principiar venha a França essa nação admiravel, da qual os senhores monarchicos imaginam servir-se contra nós, desconhecendo, ou negando a historia da terceira e grande republica. A dotação do presidente da republica é de 12 contos de réis por ano, pois são sessenta mil francos o que ele ganha. Seguindo—venha a Suissa, o seu presidente ganha anualmente treze mil e quinhentos francos, ao cambio generoso de 200 réis, é de dois contos e setecentos mil réis a sua dotação. Agora, e baste, os Estados Unidos, pois não se carece de mais lições.

Lá a dotação do presidente da republica é de 25 contos de réis por ano:—125:000 francos ao mesmo cambio ideal. Fazendo a soma temos pois:

Em França: — Dotação do presidente da republica 12 contos
Na Suissa: — (?) Dotação do presidente da republica 3 contos
Nos Estados Unidos: — Dotação do presidente da republica 25 contos

Total. 40 contos

Em Portugal: — Dotação da família real portuguesa 655 contos. Diferença para mais em Portugal sobre a dotação suíça 652 contos, sobre a franceza 643 contos, sobre a dos Estados Unidos 630 contos. Pagamos a mais do que a Suíça 652 contos; a mais que a França 643 contos; a mais que os Estados Unidos 630 contos!

Pagamos além das dotações reunidas d'essas tres grandes nações livres, nós, 615 contos! E' elucidativo — não acham? Um só paiz, pobre e confessadamente á beira da bancarrota, pagar de dotação ao chefe de estado mais 615 contos em metal sonante que a soma de tres outras nações; as mais ricas do globo e as melhor servidas de instituições politicas. Olhem para isto as chamadas «classes que tem que perder», olhem para isto os Costas Pintos que por esse paiz em fóra deram o publico espectáculo do seu monarquismo, em luminarias e em foguetes. Olhem-nos para essa França, o paiz do ouro; a nação mais rica que a propria e orgulhosa Inglaterra. Olhem-nos para esses Estados Unidos, o grande Paiz da industria e da agricultura, do progresso em acelerado e das espantosas empresas. Olhem-nos para essa Suíça, o paiz modelar da educação civica, do senso pratico a terra ideal onde não ha analfabetos; e onde tem abrigo todas as crenças e todos os forajidos da vingança dos grandes estados czaristas. Olhem e vejam que, todo esse estado de civilização e de segurança, nesses paizes, eles o devem ás instituições democraticas. Passa-se lá excelentemente sem um chefe de estado hereditario, inamovivel, e que ganha por si e pelos seus 655 contos anualmente.

Como o factor economico é forçosamente, o prevalecente (e selo-ha emquanto subsistir o estado de lucta tensa pela vida) não é máo ir alguém lembrando estas coisas a ricos, a remedios e a pobres; — pois que a todos affectam. Assim, comparar é bom, disso surtem considerações cuja vantagem é obvio encarecer.

Mas esta comparação de indigência está incompleta, é deficiente, pois que lhe falta o melhor.

E o melhor, aqui, é vêr-se o rendimento destes paizes que se falaram, vêr o de Portugal, d'ahi concluímos quem melhor poderia dar muito e quem melhor de veria dar pouco.

Vamos lá a vêr:

Portugal, receita publica: (orçamento de 1903-1904), 54 mil contos.

Estados Unidos, receita publica: (orçamento de 1900-1901), 699 mil contos.

França, receita publica: (orçamento de 1902), 720 mil contos.

Suíça, receita publica: (orçamento de 1901), 20 mil e trezentos contos.

Não temos presente os ultimos orçamentos respetivos, nem isso importa pois a haver variações, não são, nem podem ser grandes.

Para inferencia estas cifras são frisantissimamente concludentes.

Os rendimentos da republica norte-americana são mais de 12 vezes maiores que os de Portugal, e já, a lista civil é 26 vezes menor que a que pagamos á familia real portuguesa. Os rendimentos da republica franceza são 13 vezes maiores que os do nosso paiz, e lá, a lista civil é mais diminuta 54 vezes que aquela que, em Portugal, nós gastamos com a nossa fiel monarchia. Os rendimentos da

confederação suíça são, é certo, quase 3 vezes menores que os de Portugal; mas a sua lista civil é, — maravilhem-se. — 240 vezes inferior á lista civil portuguesa.

Tambem em compensação na Suíça os encargos da divida publica são de 900 contos de réis, em Portugal taes encargos para o orçamento de 1904 eram de vinte e oito mil contos; mas de metade das rendas publicas em Portugal, na Suíça menos da vigésima parte dos rendimentos. Tendo, pois, em consideração os proventos de cada estado é que se vê, e se compreende em toda a latitude do oneroso, quão cara, quão dispendiosa é para nós, portugueses, a existencia da monarchia. Isto, considerando-a a dentro do *acanhado e mesquinho* ambito dos vencimentos legais, isto não fazendo a conta ao que os monarchicos tem custado ao paiz. Porque ahi as cifras não são de contos são de centenas de milhares de contos. Mas enfim, deixando-os de ado por hoje, e esquecendo o que com D. Luz e D. Carlos ilegalmente se desperdiçou, o facto prezioso, o facto iniludível e eloquente, é que Portugal tem uma lista civil mais cara 615 contos de réis do que a soma das tres listas civis da Suíça, dos Estados Unidos e da França. Tambem em Portugal, não o esqueçamos, os rendimentos publicos são fabulosamente inferiores aos de cada uma dessas republicas. Em tudo isto, eis ahi, já, uma superioridade da republica sobre a monarchia: superioridade de cifras, se ahores que tem que perder!

Antonio Valente.

(1) A dotação real do presidente da Suíça são como se disse dois contos e setecentos, por conveniencia porém das contas dá-se como sendo de 3 contos.

ECOS da SEMANA

Vida... velha.

A fraternal união, á roda do trono, como espeques, de todos os agrupamentos monarchicos dá-nos este ano, diz-se, para o orçamento que trabalhosamente se partureja a ninharia de cinco mil contos de deficit. E' o que certos jornaes da situação vão já cantando ao Zé pagante numa confissão de matronaços arrependidos. Assim sendo, vamos, hoje como ainda hontem, maravilhosamente para o *deluge*. Com arrependimentos, com vida nova, com manifestações das classes fortes e com outras das classes magras, em comboios, de carruagem, de gatas, e de mãos no chão; todos soprando áquele anór de orçamento — é de consolar um cristão.

Pois que Nossa Senhora os ajude e á boa e santa vida velha.

Eles!

Tambem lhes chegou a maré de ir botar fala ao palacio. S. Magestade tinha ouvido que, nos seus estados, o professor é um ratão que ensina a meninos e a meninas por doze vintens ao ano. Quiz de visú o sur. D. Manoel inteirar-se, não fosse o almirante intrujal-o com petas de marulheiro. Vae d'ahi puxou-se a essa espontanea, e lá foram pregar pé aue as esteiras do péço o osso e pele dos mestres. Discursos, boas palavras, aquilo que vem no Hamleto e os orde-

nados na mesma, e com o atrazo de sempre. Ah! mestres, que rico dia perdido!

O Douro.

Crise, fome, o vinho que se não vende, o centeio que não espiga: é isto o prato do dia naquella triste região. Vá de apelar para os governos e quantos apelos feitos.

E o peor é que os governos se coçam na rabadilha. E, ainda o peor, é que não está só nos governos o remedio dos males do Douro. Sim, porque todos ali tem culpa: o lavrador, o politico e o inexoravel bom Deus, ao qual, segundo a Egreja, compete a distribuição do sol e das chuvas.

Infortunada provincia que bem merece ventura.

A fera.

Napoles, 15 — «Acompanhado de dois guardas de segurança chegou a esta cidade o ex-ditador João Francos». Guardado á vista... E' justo!

Mas — muito bem!

Na Camara, o snr. Teixeira de Souza, deitando baldes de agua fria na febre de heroicidade dos luzos; — tem considerações sensatissimas sobre as guerras colonias. Não ha duvida que a civilização dos negroides não é a tiros de peça, nem a destruição de cubatas, para o civilisar isto é para o explorar, servem melhor os caminhos de ferro, a penetração comercial e pacifica, e boas garantias de proteção e justiça, que quantos Mouzinhos nados houverem neste admiravel torrão. O que lá baixo, naquella Africa, se tem desperdiçado em polvora e em... fumo! Quantas magnificas estradas, que belos traçados de via ferrea, com aquele dinheiro imenso; e como assim se tornára bem efectivo o fragil dominio portuguez.

Foi feliz o snr. Souza e lembrou, até, em boa hora. O peor é que foi ministro — e, quando tal, não tratou de convencer os colegas — do que muito bem hontem disse.

Condescendendo.

Este jornal é pequeno e sae uma vez por semana, não podendo por consequencia encher as suas paginas com o que *dize tu direi eu*, em que pese a todos os actos da *boa educação*, ou a quem tem difficuldades d'assumpto e se agarra ao primeiro pretexto para vordar impertinencias ou deturpar factos e malsinar intenções. Melhor seria que empregassem o tempo em mostrar a sem-razão das nossas doutrinas ou em provar que a administração dos dinheiros publicos tem sido um modelo de honestidade. Só assim nos reduziriam e até converteriam ao seu ideal!!

Não podemos encher o jornal com respostas a *explorações* politicas pouco elevadas, taes como transcripções de cartas antigas que querem fazer passar como actuaes, ou narrações de episodios, que podem ser mais ou menos alegres, mas nada significam sob o ponto de vista de condemnação ou glorificação de regimens.

Mas mesmo que pudessem ter a significação que lhes attribuem, não passariam de factos isolados, de opiniões pessoais, que são absolutamente livres no nosso

partido. Cá diz-se o que se pensa sem sujeitar o cerebro a imposições de chefes; não ha *petiches*; não se falle na festa conforme nos vae n'ella, nem se pensa e escreve em virtude de estreito sectarismo ou cega disciplina.

Não temos impacencias de mando sem sofreguidão do poder, nem queremos conquistar *esporas d'ouro*. Desejamos acima de tudo o bem da Patria, que, crêmos, só virá com a Republica.

O *Jornal d'Ovar* pegou-se n'um *tem sido* de um nosso *suelto* e interpretou a seu favor e contra a grammatica. Nunca conjecturamos ter algum dia de fazer correções grammaticaes, porque, com franqueza, não sentimos para isso vocação. Mas tem de ser.

Foi e tem sido são dos preteritos do mesmo verbo mas com differente significação. Assim *foi* é um preterito perfeito que indica uma acção realmente passada; *tem sido* é tambem um preterito, mas progressivo e que indica todo o passado até á occasião do emprego, isto é, no nosso caso abrangia toda a administração feita até á occasião d'escrevermos o *suelto*.

Permitta-nos o collega tambem o innocente reparo de acharmos que um órgão *independente* sa cuda tão depressa a agua do capote.

ARA

MERENDAS

Abril. Tarde de sol. Cada oliveira embebe em sombras todo o chão ladrado, (sombras consoladoras!) á maneira de um precioso oleo derramado...

Andou-se a labutar na sementeira; mas chegou a merenda: e dorme o arado: e á roda da toalha merendeira tomou assento o rancho alvorçado.

Ao pé, os bois estão a merendar herva fresquinha que lhes vae sabendo talvez melhor que a nós qualquer manjar.

E até pombas em bando andam agora em busca da merenda, e vão correndo, esvoaçando, pela leiva fóra...

ANTONIO CORREA D'OLIVEIRA.

Chronica agricola

METEORISMO

Entre as plantas aconselhadas e indicadas para a constituição dos prados artificiaes têm lugar de destaque as leguminosas, isto é, aquellas cujo fructo ou semente está encerrado n'uma vagem. São portanto leguminosas: o feijão, a fava, a ervilha, o tremço, o tojo, a giesta (vulgarmente conhecida — por o maio), o trevo, a ervilhaca (larica), a luzerna, o saufêno, a serradella, etc. D'estas, só podem ser aproveitadas para prados, o trevo, a luzerna, o saufêno, a serradella, etc.; o tremço é aproveitado para consumo ou para adubação das terras e o feijão, a fava e a ervilha para consumo apenas.

A razão porque é aconselhado o emprego das leguminosas nos prados é porque além de produzirem muito e boa forragem, enriquecem o terreno onde são cultivadas porque tem a propriedade de fixar nas suas raizes uma substancia que existe em grande quantidade no ar e que é indispensavel a todos os seres vivos quer do reino animal quer do reino vegetal — o *azote*.

Em outras chronicas indicarei o valor d'esta substancia como adubo, e a influencia da cultura das leguminosas nos prados cuja constituição apontarei tambem, mas desde já para fazer vêr o valor de tal substancia direi que a parte aerea das plantas e os seus fructos exigem enormissimas

quantidades d'azote; no reino animal a carne contém muito azote tambem e influe na formação das gorduras.

Se, portanto um animal herbivoro — o boi, o cavallo, o carneiro, a cabra, etc., tiver na sua alimentação as leguminosas, ingere uma grande quantidade d'azote que o ha-de fazer engordar.

Dadas ás vacas de leite as leguminosas não só augmentam consideravelmente a produção lactigena, mas tornam ainda o leite muito mais rico em nata ou creme o que o torna mais alimentar se elle é a isso destinado, ou o faz produzir mais manteiga e queijo se é destinado á industria de lacticianos.

Tem, porém, graves inconvenientes o seu emprego pouco cuidadoso e em excesso porque pôde dar origem á doenca chamada *Meteorismo* ou seja a indigestão gazosa do numeu a que tambem se dá o nome de tympanite.

Esta doenca é causada por a accumulção de gazes no tubo digestivo, no estomago ou na pança do animal e que elle não pôde expellir.

E' provocada por a alimentação com pastos molhados e sobretudo quando n'elles se tem dado um começo de fermentação mais vulgar nas leguminosas.

Por isso estas devem ser colhidas sem orvalho e, quando não sejam dadas immediatamente ao gado, nunca se devem ter em monte mas sim postas ao alto em sitio fresco e arejado.

Qualquer lavrador sabe que, principalmente n'este tempo, não havendo todos os cuidados com os pastos elles *aquecem*; ora este aquecimento que o mais inesperante conhece porque introduzindo a mão entre esse pasto, sente um gráo elevado de calor, nada mais é do que a fermentação que produz grande quantidade de gazes e que a dar-se dentro do animal produz a doenca de que tratamos.

A doenca ataca especialmente o boi e o carneiro, mas apparece tambem nos outros herbivoros.

O animal atacado entristece, deixa de comer, sacode as patas trazeiras e faz esforços expulsivos; o flanco esquerdo (o vazio) inchá e algumas vezes sobe acima da espinha dorsal.

Com o progresso da doenca que é sempre rapido e por vezes fulminante, apparecem as colicas, o animal geme e chora até que chega a deitar-se e raras vezes se torna a levantar se a cirurgia não intervem.

Logo que se manifesta a doenca, convem passar a rez se o tempo o permite, dar-lhe fricções vigorosas no flanco esquerdo e na barriga, carregando, como quem amassa, n'esse flanco, e para as vacas ou bois fazer-lhe ingerir 1 litro d'agua com 300 grammas de sal commum dissolvidas.

O jornal *O Lavrador* d'outubro de 1906 aconselha uma beberagem com 2 a 5 decilitros de petroleo bem misturados em 1 litro d'agua, conservando em seguida a bocca do doente aberta por meio d'uma torcida de palha ou um bocado de pão.

Para os carneiros tem produzido bons resultados a manteiga ou gordura na razão de 20 grammas e se ha um rio proximo aconselha-se um banho e em seguida ministrar azeite na razão de 1 decilitro por cabeça.

Se, porém, nada d'isto produz resultado e o animal cabe, não se deve hesitar em fazer a punção do ventre para extrahir os gazes, como ultima tentativa em que nada ha a perder, porque quando se não faça, a morte é certa.

Essa operação consiste em fazer um buraco para que os gazes saiam; ha um aparelho proprio chamado *trocarte* que é um prego de ponta afiadissima e que á excepção d'esta ponta, está mettido dentro d'uma baihna que se lhe adapta perfeitamente.

Enterra-se tudo na barriga do animal e segurando em seguida a baihna tira-se o tal prego ficando portanto um buraco aberto por onde os gazes sahem. Não havendo trocarte enterra-se a lamina mais fina d'um canivete e no golpe introduz-se um tubo de herva da praia ou de qualquer palha rija aberto nas extremidades, tendo o cuidado de o segurar para que com qualquer movimento elle não fuja para dentro da barriga do doente. Esse tubo só se tira quando o animal começa a ruminar de novo, e a ferida lava-se com agua borica e na sua falta com agua fria até fechar. Esta operação faz-se no meio do vasio esquerdo entre a ultima costella e a ponta da anca; nos cavallos e jumentos faz-se do lado direito.

Este anno tem havido em Ovar um grande numero de casos fataes no gado bovino e não me consta que esta operação tenha sido feita nem mesmo em casos extremos.

Para terminar direi que o Meteorismo nada tem de commum com a *Baceira*, que é uma febre infecciosa que se evita por uma vacinação do gado; apesar d'isto tenho ouvido muitos lavradores chamarem baceira ao meteorismo.

ARTES & LETRAS

O POVO

Cançado de soffrer, exausto, agonisante, cahindo aqui e além, na via dolorosa, sem ter d'um Cyrínéu a ajuda carinhosa que a humilhadora cruz dos hombros lhe levante:

O Povo assim se arrasta e vae a cada instante vertendo o proprio sangue, a seiva generosa que em troca d'uma Idéa ardente e luminosa do coração lhe brota, ainda palpitante.

Já sobe o seu Calvario. Ali, vae sem piedade ás mãos da Tyrannia, o martyr innocente, morrer só porque amou a Luz e a Liberdade!

Mas consummado emfim o sacrificio ingente, qual outro Nazareno, eu creio que elle ha-de da morte resurgir, ser livre eternamente!

19-5-908.

BOANERGES.

Vulgarisação científica

AO CORRER DA PENNA

Com estes primeiros dias de calor, já um tanto intenso, vem-nos ao espirito a ideia da beira-mar, resca, vivificante, tonica e por isso é já opportuno fallar dos banhos do mar e da influencia benéfica que a atmospheria e hydrotherapia mariuhas exercem sobre os varios individuos, influencia variavel segundo as constituições e o estado anterior das diferentes pessoas que elles recorrem.

E' da praxe, está sem duvida nos habitos de toda a gente fazer hoje a sua retirada para as praias, para as thermas, para as grandes altitudes, afim de restaurar a saude. E' effectivamente uma necessidade fazel o.

A vida moderna com todo o machinismo complicado da sua engrenagem social e organica, obriga o homem d'hoje a uma superactividade exagerada de toda a sua economia animal e mais propriamente do seu systema nervoso.

A lucta pela espada substituiu-se hoje pela lucta dos ideaes e o afan e tenacidade que o homem hodierno precisa de empregar, comparativamente com o aspecto e espirito asceticos do homem antigo, obrigam-no a um canção muitas vezes superior a suas forças.

Todas as maravilhas do progresso e todas as variadissimas fórmulas da manifestação superior e intellectual dos tempos modernos, cançam subjectivamente o homem em contraste infinitamente superior com o homem passado.

As rapidas e frequentes communicações com os grandes centros chamam-no ali, onde se deslumbra e estonteia o seu espirito. A musica, os theatros, os cafés, a arte lyrica com todo o apparato bellico e phantastico das suas produções, o drama emocionante e extenuante, todos os grandes ruidos d'uma grande cidade, desde o pregão dos jornaes até ao silvo agudo das locomotivas, constantemente despejando homens e mulheres de todas as cathogorias sociaes e com os mais variegados aspectos, o tenir metalico e persistentemente repetido dos transportes elctricos que com velocidade admiravel ganham as maiores distancias em pouco tempo, a electricidade, incomensuravel nas

suas myriades de applicações ao progresso e desenvolvimento de todas as industrias e de todas as maravilhas do seculo, permittido ao homem presenciar hoje e a grande distancia da sua realisação, os phenomenos mais em evidencia no mundo civilisado e que com a maior rapidez, em passagens successivas sobre as nossas retinas, se transmittam n'uma admiravel successão de imagens e variadas côres; a politica e o alto jogo de fundos com calculos e preocupações constantes, todo o alto commercio e toda a elevada industria com os milhares de consequências que arrastam após si, tudo isto entretém o espirito n'um estado de tensão exagerada, d'onde deriva a necessidade de retemperar todas as forças gastas n'estas mil fórmulas de actividade da vida moderna.

D'entre todos os pontos de descanso a beira-mar gosa certa e justamente uma influencia das mais salutaras, a cura marinha é mesmo maravilhosa. Quantas pessoas ali vão cheias de pallidez, fracas, anemicas e voltam de lá robustas, cheias de vida e com boas côres; por um lado a acção tonic do ar marinho, isento de poeiras animaes e vegetaes, rico em ozone, carregado de moleculas salinas, contendo bromo e iodo; por outro lado os banhos que pela sua acção tão evidentemente salutar retemperam e vivificam o organismo.

Estes porém não devem ser tomados, como muitas vezes acontece, como mera distracção e abusando d'ellos; mas sim methodica e med camente executados.

E' necessario não tomar banhos nos primeiros 3 dias após a chegada.

O primeiro banho não deve nunca exceder a duração de 5 minutos e em todos os casos é preciso retirar logo que appareça o 1.º arrepio.

Nunca se deve tomar mais do que um banho por dia, escolhendo sempre a subida da maré, afim de receber a vaga que produz rá uma especie de massagem sobre o corpo.

Depois do banho não se deve esfregar muito o corpo afim de não tirar, por esse facto, as moleculas salinas dos principios contidos na agua do mar. Depois de vestidos, passear e tomar um calice de vinho do Porto ou Madeira.

Deve-se ter sempre o cuidado de abrigar a cabeça dos raios ardentes do sol.

Nas creanças o banho não deve ser permittido antes da idade dos 5 annos, porque ellas são muito impressionaveis, nervosas, tem medo, lançam gritos de terror e choram e essas imersões não convêm á sua fragil saude.

E' todavia conveniente deixal-as brincar na areia, descalças e patinar na agua, abrigadas do sol por um largo chapéu de palha leve.

Que estes pequenos conhecimentos sejam conscientemente executados e a saude só terá a lucrar com elles.

Devemos por ultimo fazer notar que não é propriamente a vida das praias exageradamente concorridas, com todos os requintes de apurada civilisação, verdadeiras cidades em miniatura, partilhando de todos os seus defeitos e de todas as suas vantagens as que mais convêm ao fim que nos proponhos de restaurar a nossa saude; mas sim as praias pacatas d'uma vida simples e modesta, amplamente ventiladas e inunda-

das de bello sol, um dos mais poderosos agentes depuradores que hoje se conhecem.

Entre nós o Faradouro é uma praia que poderia e deveria ser modelar, se a iniciativa individual e a iniciativa das diferentes edildades que hão passado pelo nosso municipio lhe ligassem a importancia necessaria e tratassem de melhorar as condições hygienicas e de relativo embelezamento que tanto requer.

X.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passou no dia 18 o anniversario natalicio da snr.ª D. Maria da Luz Pereira da Cunha, filha do sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa

Tambem fazem annos:

No dia 23 o sr. Armindo Ramos.

E no dia 25 a snr.ª D. Joaquina Pereira Dias, esposa do sr. Commendador Manoel Pereira Dias.

=Regressou ante-hontem de Thomar o nosso presado amigo e director Antonio Valente.

=Deu á luz na terça-feira uma creança do sexo masculino a esposa do sr. Antonio Maria Valente Pereira Rosa, habil artista d'esta villa. Parabens.

=Guarda o leito em virtude de doença o sr. Francisco Joaquim Nogueira Junior, digno escrivão de fazenda do concelho.

=Partiram domingo para Lisboa com destino ao Pará os snrs. Antonio Pereira Carvalho e Antonio Augusto Pereira Carvalho.

»»»»»

A pesca na ria

Ha uns dias que nas aguas da ria, intermuros d'este concelho, se está commettendo um abuso, para o qual, como propugadores da equidade e justiça, pedimos energicas providencias á capitania do porto d'Aveiro.

Não pareça esta nossa reclamação um acto de demencia, porque esta nos repugna e nos vexaria, não; pretendemos simplesmente com isto chamar a attenção de quem superintende no assumpto no uso d'um dever que se nos impõe, pedindo o exacto cumprimento das leis regulamentares respectivas em proveito geral dos legitimos interesses da classe pescatoria com a immediata repressão dos infractores.

O abuso resume-se no seguinte: Na ria d'Aveiro, dentro da area d'este concelho, certamente para se furtarem ao policiamento dos guardas maritimos, que apparecem com mais frequencia no sul e centro da ria, varios pescadores que habitualmente d'eilla tiram proventos e que, como é sabido, são estranhos ao nosso concelho, dirigiram se agora, no periodo de prohibição de pesca, para o norte a pescarem nas aguas pelas atturas da Marinha e Carrega' d'esta freguezia, fazendo uso de redes de malha miuda.

Como com este abuso se apañham e mattam n'esta epocha as novas creações, é que appellamos para o sr. capitão do porto no intuito de providenciar, na convicção de que nos attenderá.

Santo Antonio

Rectificando a noticia dada no nosso numero ultimo sobre a festividade de Santo Antonio, temos a informar de que, em subsequente reunião da respectiva mesa se deliberou effectuar no dia 13 o festival nocturno da mesma forma que estava marcado para o dia 14.

»»»»»

Recenseamento eleitoral

Está patente na secretaria da camara o recenseamento eleitoral d'este concelho, podendo qualquer cidadão examinal-o das 9 horas da manhã ás 3 da tarde e apresentar sobre elle qualquer reclamação perante o juiz de direito até ao dia 3 de junho proximo.

»»»»»

Roubo

Por meio d'arrombamento foi roubada á snr.ª Anna Paes, da Lagôa de S. Miguel, na noite de 11 para 12 do corrente, uma porção grande de feijão, approximadamente a seis saccos.

Os larapios, tão atabalhoadamente perpetraram o roubo, que deixaram um fio do genero roubado desde o local onde foi feito até áquelle em que foi arrecadado.

Com estes vestigios facilmente se descobriram os auctores, que são Manoel Godinho, solteiro, e amante Margarida Pereira Dias, casada, Manoel Maria da Cruz, o «Carreiro», solteiro, estes de S. Miguel d'esta villa, e José Luiz, o «Esperança», solteiro, de Pintim, de Vallega.

A auctoridade administrativa participou o caso para juizo e a pequena quadrilha acha-se entre ferros d'El-rei.

»»»»»

Desastre

Na terça-feira, 19 do corrente, ás 5 horas da tarde, quando com

outros operarios, descarregava umas pedras, no caes da estação ferro-viaria d'esta villa, foi colhido pela manivella do guindaste, Joaquim dos Santos, do logar de Serzedo, freguezia d'Arcozello, concelho de Gaya, ficando ferido no braço direito, fracturando o humero pelo extremo inferior. Recebeu os primeiros curativos na pharmacia Zagalo de Lima, recolhendo ao hospital.

»»»»»

O «Jornal d'Ovar»

Entrou no 3.º ano de publicação este nosso colega, pelo que o felicitamos.

»»»»»

Abuzos a reprimir

Prégâmos no deserto; e cremos que a nossa humilima voz não é ouvida por membros do nosso senado, pois que até agora ainda se não viu qualquer empregado pôr côbro aos varios desleixos, que se vêm por essas ruas nos dias de mercado.

Estamos certos de que são do conhecimento do sr. Prezidente da camara estes factos e portanto, dirigindo-nos directamente a S. Ex.ª, esperamos que se tomarão energicas medidas para os cohibir.

ANNUNCIOS

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recebidos das propriedades do Ill.º Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Imprensa Civilisação

(Casa fundada em 1878)

Viuva de MANOEL F. LEMOS

211—Rua de Passos Manoel—219

PORTO

Execução de todos os trabalhos typographicos com a maxima nitidez e perfeição, pelo menor preço.

Tambem tem á venda notas de expedição de pequena e grande velocidade

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Prubidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda neste estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambria.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares

COM
ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

B NIFACIO & C.^a

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Op.	Tr.	Rap.	Tr.		Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.		
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45	
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46	
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53	
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—	
	Carvalh. ^{ra}	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—	
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13	
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	—	8,18	—
Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	—	—	—	6,14	—	8,58	10,55		

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.	
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh. ^{ra}	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,6	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47	3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	12,26		

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

EM
ARMAZENS DE VINHOS

EM
OVAR—Rua das Figueiras

DE
Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.
Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

AULAS DE INGLEZ PRATICO

Dirigir pedidos a James Searle.

Ribeira—Ovar

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.